

O antigo Egito

Um passado sempre presente · Com Luís Manuel de Araújo



margens aptas para o intenso trabalho dos camponeses, já é um indício da ponderada e eficaz administração das Duas Terras (baseada na aplicação da *maet*) e de uma civilização que iria durar três mil anos. A região nilótica pode ser vista como um verdadeiro ponto de encontro de culturas e de povos da Ásia Menor (através do Sinai e da Síria-Palestina), da África Negra (Núbia, hoje Sudão) e da África Mediterrânea (Líbia), sendo de distinguir o Baixo Egito, a norte com o Delta, e o Alto Egito, a sul, até Assuão, confinando com a Núbia.

Os antigos Egípcios chamavam ao seu país «A Negra» (Kemet ou Kemi), aludindo à cor escura da sua rica terra agrícola, e ainda Ta-meri (Terra Amada) ou Ta-netjeru (Terra dos Deuses). O nome de Kemet justifica-se plenamente devido à cor escura dos limos depositados pelo rio nas margens quando as águas da cheia anual se retiravam para o seu leito, fazendo um nítido contraste com a árida terra vermelha dos desertos circundantes: o deserto era designado por Decheret («A Vermelha»), ou, numa forma mais dilatada, Khaset, a designação atribuída às terras estrangeiras de um modo geral. O espaço nilótico era povoado por muitos animais domésticos e selvagens (alguns dos quais estão extintos na região), uma rica flora (com relevo para os cereais e a horticultura) e muitos recursos minerais (avultando de entre estes a pedra e o ouro), sendo o ponto fraco a inexistência de boas madeiras.

A longa história do antigo Egito começa cerca de 3000 a. C., conhecendo momentos de ascensão e apogeu, até um lento declínio que propiciará o domínio de povos estrangeiros. Os primórdios da civilização faraónica detetam-se na fase neolítica de Badari e Nagada, até desembocar na unificação e na Época Arcaica, altura em que se estabelecem as bases de uma firme realeza divina, a qual será a chave para o sucesso que

13 de setembro

A geografia e a história do antigo Egito

20 de setembro

Um mundo de afetos: erotismo no antigo Egito

27 de setembro

A arte egípcia: uma arte para a eternidade

4 de outubro

O Além egípcio: a invenção do paraíso

Com este conjunto de conferências, promovido pela Culturgest, pretende-se facultar aos participantes um conhecimento genérico mas essencial sobre a civilização que durante três mil anos floresceu nas margens do rio Nilo, começando por apresentar a geografia e a história do antigo Egito, sublinhando os seus momentos mais significativos do Império Antigo (o tempo das pirâmides), do Império Médio (a *maet*

sublimada) e do Império Novo (expansão e cosmopolitismo), e rematando com a Época Baixa (arcaísmos e mediterraneização) e a Época Greco-romana.

Depois entraremos num edificante mundo de afetos, evocando o erotismo subtil no antigo Egito e o papel da mulher na sociedade, seguindo-se a arte egípcia, vista pelos próprios Egípcios como sendo uma arte para a eternidade, desde a arquitetura e a escultura à pintura e às artes decorativas (artes de metamorfose), concluindo com o Além egípcio e as ideias que dele ressaltam: a invenção do paraíso ridente e a crença na ressurreição (ideias que depois outras religiões e outras culturas irão desenvolver).

A geografia e a história do antigo Egito

A expressiva simplicidade da geografia egípcia, com o seu pendular equilíbrio dado por um único e benfazejo rio, a proporcionar a abundância das suas úberes

QUARTAS-FEIRAS DE 13 SETEMBRO A 4 OUTUBRO 2017 · 18H30 · PEQUENO AUDITÓRIO

se patenteia nas várias fases do Império Antigo (o tempo das pirâmides), Império Médio (a *maet* sublimada), Império Novo (expansão e cosmopolitismo), rematando com a Época Baixa e a subsequente Época Greco-romana. Pelo meio ficam algumas fases mais instáveis, os períodos intermédios, tempos de descentralização e, por vezes, de guerra civil, superados depois pelas ações de reunificação que conduzirão ao florescimento artístico e cultural, permitindo que hoje possamos apreciar o notável legado de uma das mais ricas civilizações forjadas pela humanidade.

Das trinta dinastias que preenchem a história do antigo Egito merecem destaque a III dinastia, a abrir o Império Antigo, cerca de 2660 a. C., continuando uma política de afirmação da monarquia que se patenteou na construção de complexos funerários dos reis desse tempo, como Djoser, que se desenvolvem na IV dinastia, com as pirâmides de Seneferu em Meidum e Dahchur, as pirâmides de Khufu, Khafre e Menkauré em Guiza, e estátuas reais de grande qualidade, para além de vistosos túmulos (*mastabas*) para os funcionários.

Após o Primeiro Período Intermediário o país das Duas Terras é reunificado e começa o Império Médio, cerca de 2040 a. C., avultando aqui a gloriosa XII dinastia, uma das mais notáveis da história do Egito faraónico. De Amenemhat I, insigne fundador da dinastia, a Amenemhat III, um dos mais esclarecidos soberanos, passando pelo ativo Senuseret I e pelo vigoroso Senuseret III, o Egito estabelece o seu poder na Núbia com a construção de grandes fortalezas e envia expedições ao Sul da Palestina. Os monarcas da XII dinastia levaram a cabo várias campanhas, especialmente na Núbia, fomentaram os trabalhos agrícolas no Faium, e com Amenemhat III a dinastia atinge o seu apogeu – mas pouco tempo depois começou um lento declínio. As coroas de glória desta notável dinastia, que levou a preceito no quotidiano o cumprimento da *maet* (palavra egípcia que se traduz por harmonia, verdade, justiça, retidão, equilíbrio, sensatez, tolerância, solidariedade, organização, ordem universal), vislumbram-se bem no fomento da agricultura, na literatura e na arte.

Depois do Segundo Período Intermediário, pela terceira vez o movimento

unificador parte do Sul. De facto será o tebano Ahmés, o fundador da XVIII dinastia (cerca de 1550 a. C.), que expulsará os Hicsos, uma população estrangeira que dominava o Delta. O seu reinado marca a ascensão do Egito e o início da sua afirmação como grande potência da época, que se confirmará com o domínio de grande parte da Síria-Palestina e da Núbia. Os seus herdeiros vão prosseguir a sua política expansionista e, depois do reinado da rainha-faraó Hatchepsut, o rei Tutmés III será o dinâmico expoente da luta contra a periferia do país das Duas Terras no Norte e no Sul. Outras expedições à Síria foram lideradas por Amen-hotep II e por Tutmés IV, em cujo reinado foi estabelecida a paz com o Mitanni, o grande rival do Egito na Ásia Menor. Durante o pacífico reinado de Amen-hotep III o Egito atravessou um memorável período de prosperidade, num tempo cosmopolita e de fruição das alegrias de viver. Eis senão quando o seu filho Amen-hotep IV proclamou Aton como deus «único», tendo banido o culto de outros deuses, em particular o de Amon, o «rei dos deuses», sem que esta atitude intransigente, atípica e invulgar na monarquia egípcia, signifique a implantação de um monoteísmo (mudou o seu nome para Akhenaton e transferiu a residência real para Akhetaton-Amarna). Depois, com o insignificante mas famoso Tutankhamon tudo voltou ao normal, e Horemheb, que comandava o exército, tornou-se o último faraó da XVIII dinastia.

Da XIX dinastia há a destacar o faustoso Ramsés II, que fez a paz com os Hititas após uma fase de guerra que incluiu a indecisa batalha de Kadech, tendo no seu longo reinado feito impressionantes monumentos, entre eles os grandes templos rupestres de Abu Simbel. Com Merenptah, seu herdeiro, o Egito viu-se atacado por Líbios e por diversos povos vindos da Ásia Menor e Egeu (os Povos do Mar), terminando a XIX dinastia de forma obscura. A XX dinastia começa com Setnakht, que deixa para Ramsés III, seu filho e herdeiro, a tarefa de repelir uma nova invasão dos Povos do Mar e vencer os Líbios. Ele é considerado como o último grande faraó do Egito, tendo estimulado as grandes construções (o templo funerário de Medinet Habu), mas não conseguiu evitar problemas internos devido às

grandes dificuldades económicas que se fizeram sentir e que continuarão até ao fim da dinastia. Seguiu-se uma fase em que o Egito conheceu a instabilidade política, com mais de quatrocentos anos (o Terceiro Período Intermediário, 1070-664 a. C.), e teve então início uma fase histórica mais estável designada por Época Baixa, com o rei Psametek I inaugurando a XXVI dinastia, com a capital em Sais (por isso ela é conhecida como dinastia saíta).

Finalmente vem a longa Época Greco-romana (332 a. C.-395 d. C.) iniciada com o fim da segunda dominação persa e a chegada dos conquistadores greco-macedónios de Alexandre, o qual fundou uma nova capital em Alexandria, no Delta Ocidental. Quando, depois da morte de Alexandre, o seu imenso império foi dividido, o general Ptolemeu ficou como governador do Egito, do qual se tornou rei em 305 a. C., estabelecendo a dinastia ptolemaica, destinada a reinar trezentos anos. O grego tornou-se a língua oficial sob o domínio ptolemaico, tendo a influência grega nas artes, na literatura, na administração e na organização militar continuado até à morte da célebre rainha Cleópatra (30 a. C.) e de Marco António, vencidos pelo futuro imperador Otávio, mantendo-se bem viva sob o firme domínio romano a influência cultural helénica, até ao advento do cristianismo.

Luís Manuel de Araújo é egiptólogo e Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.